



Contra Feitiço

Rasga Mortalha

1

Contra Feitiço

**A morte como morte e a morte como vida**

Um sujeito, numa oca, sentado numa roda, leva a cumbuca à boca. O líquido desce pela garganta, respinga na barba espessa. Em sua frente, bate-se o cajado no solo e solta-se um berro. Abrem-se os caminhos. Os olhos reviram, se fecham forte, a cabeça pende para trás. Há muitas vozes entoando cantos, pés ritmados no chão, batidas de tambores, levadas de reco-reco e de chocalhos, e tudo se faz ouvir mais que nunca, e vai crescendo até tomar conta do espaço, até desfazer seus limites materiais, até lançar tudo no interminável.

Desponta o transe, faz-se o rasgo, por onde jorra uma massa quente, anacrônica, barroca, catártica; nos clarões oníricos que se formam, episódios, signos, de vista, e tudo o que jamais pode ser dotas; um cavalo cece o ventre, o útero, em ver de frente e uístico e amoroso. *nsfiguraçãooétnica*, ial. A cobra que o jacaré que anda traços dos mil es habitavam o que, carnes, vísceras. o colete a prova de ra imersa num sexo, com abraço, com im tiro alucinado vai ia às metrópoles, das ar das espadas

9/100

*Thiago Martins*

*Germano Dushá*

*Raul Luna*

Este livro foi publicado como uma peça-irmã do filme *Rasga Mortalha*, de Thiago Martins de Melo, como uma reconstrução do material produzido para o filme. Assinam aqui Thiago Martins de Melo, Germano Dushá (editor), Raul Luna (designer) e Mateus Acioli (editor).

Eu sou Robson Mendonça Akroá Gamella. tenho 14 anos,

Eu sou Dalva Milene Akroá Gamella. Sou filha de Maria das Dores dos Santos Akroá Gamella. Moramos na Aldeia Novavila de Taqaritiua, que foi lá que nasci.

Nome: Ana Tereza Akroá Gamella  
Aldeia: Taqaritiua  
Tema: Nós lutamos poru nosso território-

Nós lutamos pelo nosso território! nós e nossos rios aonde vivem nossos encantados rios que nossos avós pescavam para tirar o peixe. Nós também protegemos as nossas roças e plantações como milho, mandioca, feijão. Protegemos nossa mata que tem muito animal: passaros, macacos, catitú, paca, oncinha, tatu, etc.

Si nós não protegemos, novas gerações não vão conhecer. Si nós deixamos, vamos destruir nossas casas e nossas vidas.



os pulmões e dispara um urro em *contrafeito*: "Aqui não tem tesoura nem pano, aqui não mora ninguém não!". Todo dia é dia, e toda vitória conta, não importa o que a ela se segue, pois nunca deixa de ser oportuna. Na memória, abrilhantam-se os versos do poema atribuído ao Lampião: "Meu rifle atira cantando/em compasso assustador/Enquanto o rifle trabalha/minha voz longe se espalha/zombando do próprio horror", como salta à garganta o que cantou I-Juca-Pirama: "Meu canto de morte,/Guerreiros, ouvi:/Sou filho das selvas,/nas selvas cresci, Guerreiros, descendo/Da tribo Tupi (...) Guerreiros, nasci:/Sou bravo, sou forte, Sou filho do Norte;/Meu canto de morte,/Guerreiros, ouvi".

A morte como morte e a morte como vida. Nenhum sangue escorre em vão: morre um, nascem dois. É a morte que irriga o chão.

Germano Dushá é escritor, curador, crítico e gestor cultural. Ramon Brandão é filósofo, professor e ensaísta.

### Histórias que os dados não contam

Fronteiras estão para além de demarcações cartográficas, são disputas territoriais que, por sua vez, são disputas de poder. Não só poder no sentido da dominação política, mas o simbólico, que determina como nossos corpos se comportam, que define os limites dos nossos sonhos. Todo mundo, de certa maneira, exerce algum poder sobre algum espaço. É isso que costura os territórios, que define onde podemos ir e o que consideramos nosso.

É das disputas pelo controle político dos territórios que nascem as fronteiras. E os conflitos entre fronteiras estão no centro da constituição de uma América Latina forjada na violação de seu povo, de sua história e na luta pelo direito de existir. Morte e vida estão nas bases das nossas fraquezas e das nossas potências. Nas favelas, talvez, os limites dessas fronteiras sejam mais traumáticos, estão na raiz do extermínio, do genocídio. Pulsante, violenta e irreparável, a colonização está viva em nós; nas feridas mantidas abertas pelo estado burguês de direito, pelo patriarcado. Nos Akroá-Gamella, nos moradores da Maré.

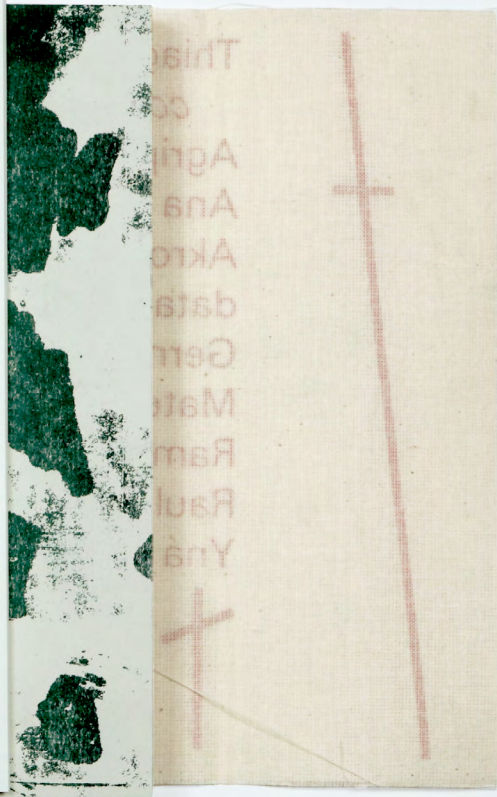
#### *Contidiano de exceção e medo*

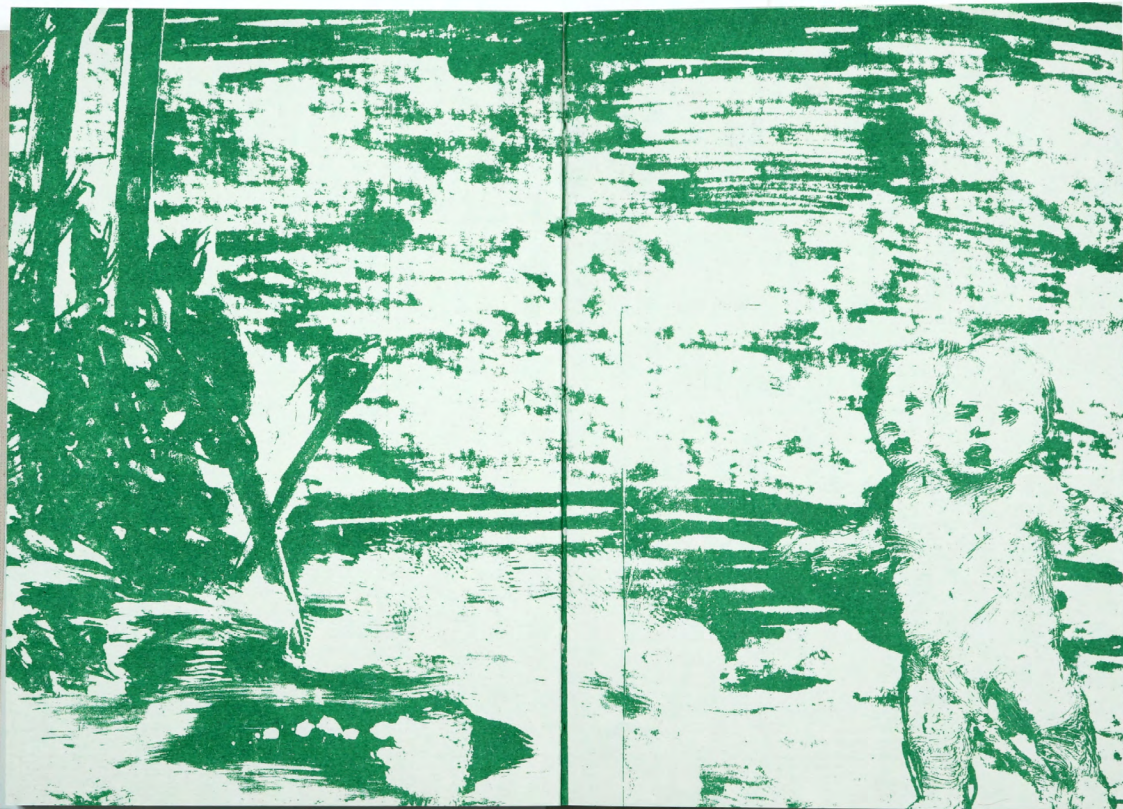
No dia 13 de maio de 2019, data reconhecida oficialmente como dia da abolição da escravidão no Brasil, nós estávamos em reunião no data\_labe, na Maré, quando o caveirão voador (um helicóptero blindado, preto-fosco) desceu sobre nossas cabeças atirando a esmo. Não foi a primeira operação policial pela qual passamos e nem a que trouxe as piores consequências diretamente. Mais um dia sem trabalhar. Ansiedade, crise de pânico, a saúde mental vai pro espaço. Menos de um mês depois, no dia

Rasga Mortalha

6, 7

Contra Feitiço





THI  
S  
AG  
AN  
AK  
dat  
GA  
Ma  
RA  
RA  
Yn







Thiago Martins de Melo  
*com*

Agrippina R. Manhattan

Ana Matheus Abbade

Akroá Gamella

data\_labe

Germano Dushá

Mateus Acioli

Ramon Brandão

Raul Luna

Yná Kabe Rodríguez



Livros Fantasma  
Galeria Leme/AD